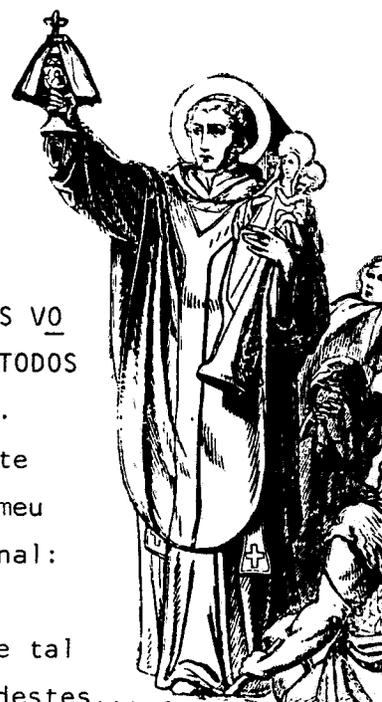




O DESBRAVADOR

"Sinto em mim a vocação de GUERREIRO, de SACERDOTE, de APÓSTOLO, DE DOUTOR, e de MÁRTIR. Sinto afinal a necessidade, o desejo de realizar por Ti, Jesus, todas as obras, as mais heróicas... Sinto na alma o arrojo de Cruzado, de Zuavo Pontífício. Desejaria morrer no campo de batalha pela defesa da Igreja...

Quisera percorrer a Terra, apregoar Teu nome, e cantar em terra de infiéis Tua Gloriosa Cruz...
Martírio! Eis o sonho de minha juventude!

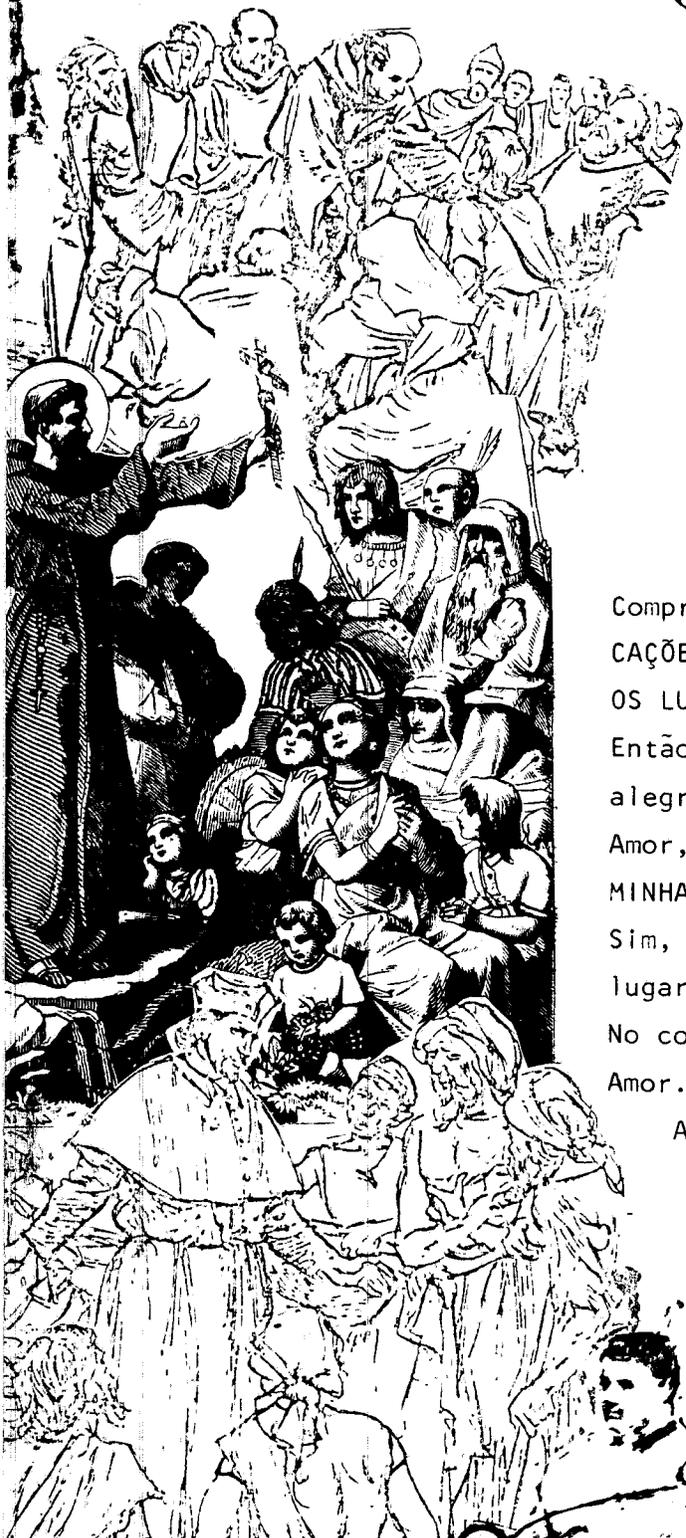


Compreendi que o AMOR ABRANGE TODAS AS VOCAÇÕES, ALCANÇANDO TODOS OS TEMPOS E TODOS OS LUGARES... NUMA PALAVRA, É ETERNO...

Então, no transporte de minha delirante alegria, pus-me a exclamar: Ó Jesus, meu Amor, minha vocação, encontrei-a afinal: MINHA VOCAÇÃO, É O AMOR! ...
Sim, atinei com meu lugar na Igreja, e tal lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes...
No coração da Igreja, minha Mãe, serei o Amor... Assim serei tudo...

Assim se realizará meu sonho!!!!!!"

SANTA TEREZINHA



ESCREVEM OS LEITORES

"Estou muito feliz pelo privilégio de receber "O Desbravador". Às vezes fico pensando naqueles pobres coitados com uma carência enorme de uma palavra de edificação....Quem conheceu um amigo, conheceu um tesouro... conhecendo-os...encontrei "O Desbravador"..."

ANTONIO MAGALHÃES
ANÁPOLIS - GOIÁS

"...Gostei muito e peço a Jesus e Maria muitas bênçãos para todos que trabalham nesse periódico. Segue junto pequena contribuição..."

MARIA GLORIE TE S. MARFURT
CASTRO - PARANÁ

"Fiquei entusiasmado ao saber que existe um tão excelente jornal inteiramente católico, com variados assuntos de interesse geral, tanto moral, como religioso. E gostaria muitíssimo de receber as publicações futuras de "O Desbravador" e também se possível, números anteriores...Fiquei alarmado ao saber que poucas pessoas conhecem este belo exemplar....Pedindo a Nossa Senhora que ilumine a todos..."

EDILSON DE SOUZA
SÃO PAULO - SP

"...Agradeço o envio dos exemplares...estou depositando a importância de...no Bradesco..."

EURICO MONSORES
SÃO PAULO - SP

"...Foi uma agradável surpresa para mim, receber há poucos dias, pelo correio, um exemplar de "O Desbravador", pois ignorava a existência de tão interessante e oportuna publicação religiosa. Gostei muito da matéria jornalística que aparece nas 16 páginas do mencionado periódico...Desejo que continuem no meritório trabalho de levar a Verdade para toda parte, para a maior glória de Deus..."

JOSÉ IGNÁCIO SOARES
PELOTAS - RS



O DESBRAVADOR

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GREMIO "SANTA MARIA"

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO
JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
GÉRSÓN FERNANDES DOS SANTOS
JAIR AGENOR RIBEIRO

SUPERVISÃO

HERIBALDO C. DE BARROS

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

REINALDO R. DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON R. DOS SANTOS
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO M. RUFINO

EXPEDIÇÃO

WALADIER NERI S. MACHADO
MOACIR ANDRADE DE PAULA
JOÃO ELCY DO ROSÁRIO
JORGE HENRIQUE SIQUEIRA RIBEIRO
RENATO VERÍSSIMO
ROGERIO VERÍSSIMO

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 6416
01064-970 - SÃO PAULO SP

"NÓS DEVEMOS AMAR ADEUS DA MANEIRA QUE LHE AGRADA E NÃO COMO NOS APRAZ!"
(Santo Afonso Maria De Ligório)

EDITORIAL

Se fosse feita uma pesquisa para se saber que tipo de homens faz mais falta para o mundo, temos certeza que as respostas seriam variadas. Alguns diriam que é necessário haver mais médicos para curar as doenças dos homens; outros responderiam ser necessário mais cientistas que façam progredir a tecnologia, para melhorar a vida das pessoas; alguns, mais intelectualizados, diriam ser necessários mais sábios que ensinassem boas coisas aos outros; talvez aparecessem uns mais sonhadores que falassem que é preciso mais poetas, para alimentar as ilusões das pessoas.

Sem desmerecer os médicos, os cientistas, os sábios e os poetas nós acreditamos que quem pensasse como os possíveis entrevistados da suposta pesquisa estaria enganado.

Na verdade, o mundo precisa de santos. Precisa de pessoas que inebriadas pelo Amor de Deus, levem este Amor às últimas consequências. Almas virtuosas, dedicadas, corajosas, heróicas e acima de tudo santas. Que amem a Deus de tal maneira que cheguem a se esquecer de si. Que, se preciso for, percam tudo, até a própria vida por Deus, Nosso Senhor.

Santos! Sim. Eis o que faz falta ao mundo. Santos médicos; santos pais; santos pais de família; santos cientistas, advogados, professores, domésticos, sábios, doutores, pobres, ricos, mas acima de tudo santos.

Pessoas que por onde passem espalhem o amor a Deus. Por onde andem irradiem o bom exemplo, em toda parte mostrem que são filhos de Nossa Senhora, de tal arte que incendeiem o mundo num fogo de Fé.

Se você que me lê nesta hora não está satisfeito com a situação do mundo comece a mudá-lo. Comece a sua santificação. Comece com uma boa confissão de seus pecados a um Sacerdote e mude de vida. Se você se julga fraco, peça a Nossa Senhora, que nunca deixa ninguém sem ser atendido, a graça insigne de ser santo. Ela certamente o atenderá. Faça isso, seja você moço, ou velho. Se for moço, terá toda uma vida para trabalhar por Deus. Se for velho, antes tarde do que nunca. Haverá sempre um tempo por pequeno que seja para você fazer penitência dos seus pecados e dar o bom exemplo da conversão.



"DE CONTÍNUA PAZ GOZA O HUMILDE; NO CORAÇÃO DO SOBERBO, PORÉM, REINAM O CIÚME E A IRRITAÇÃO" (Imitação de Cristo)

AUMENTA A VIOLÊNCIA



De repente, a opinião pública brasileira ouviu uma série de notícias, todas na mesma direção, a da violência, e que causaram enorme estupefação. De um lado, no Rio de Janeiro, um rol de fatos (chacina, guerra de quadrilhas, tiroteios, etc) capazes de deixar as pessoas estonteadas. De outro lado, na mesma semana dois filhos, um em São Paulo, e outro no Rio Grande do Sul, assassinaram seus pais. A isso somou-se uma sequência de brutalidades praticadas por torcedores e jogadores de futebol (nisto se incluindo mortes e uma batalha campal dentro de um campo).

Diante disso alguns chegam a se perguntar sobre o que estaria ocorrendo. Imediatamente uma variada gama de pessoas vem dar seus palpites e explicações. Jornalistas, psicólogos, terapeutas, psicanalistas, policiais, políticos e até astrólogos, bruxos, tarólogos, etc.

Para uns a causa é de natureza econômica, para outros é a mudança que a sociedade sofre, Outros chegam ao ridículo de dizer que é a violência social, (mas qual sua causa?).

Sem querer analisar estas e outras explicações, somente perguntaríamos se a miséria e a fome podem explicar como, jogadores de futebol superbem pagos, lutem em campo como gladiadores da antiga Roma, ou então porque membros de torcidas uniformizadas dos clubes de futebol fabriquem bombas caseiras. Evidentemente não é por aí a explicação desses fatos, que tem entre si, em comum, a selvageria, a violência e a barbárie.

Sim, a barbárie; o homem está voltando a ser um bárbaro. Apesar dos enormes progressos tecnológicos, o ser humano decaiu, a profundezas que poucas vezes a história registra semelhanças.

A causa disso é uma só: o afastamento de Deus, o afastamento da Única e Verdadeira Igreja, da Única e Verdadeira Religião: a Católica, Apostólica, Romana, fora da qual não há salvação. Afastados dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo, a humanidade está em trevas. A selvageria tomou conta das pessoas. Aliás as barbaridades acima citadas são apenas uma mostra pequena do tanto que o mundo decaiu. Abortos, pornografias, homossexualismo, drogas, bruxarias, crise na família, propagação das seitas são algumas outras trágicas manifestações do afastamento da Fé.

Discutam os psicólogos, opinem os antropólogos, falem os tarólogos e bruxos. Nada resolverão. Somente a volta do homem a Deus, tornarão o mundo melhor. Somente voltando para o lar paterno como o filho pródigo, o homem encontrará a felicidade possível nessa terra.

Que Nossa Senhora, Medianeira de todas as graças apresse a volta da humanidade para Deus, que Ela faça com que logo se concretizem suas palavras em Fátima: "Por fim o meu Imaculado Coração triunfará".





SÃO FRANCISCO E O LEPROSO

Ia, São Francisco, certo dia a cavalo pelo campo afora, quando o vento lhe trouxe um cheiro de sepultura. Olhou em torno: estava pouco distante do leprosário de São Salvador, entre Santa Maria dos Anjos e Assis. Esporeou o animal e tapou o nariz, imaginando vivamente aqueles doentes repugnantes, segregados da sociedade como cadáveres, aos quais várias vezes socorrera com esmolas, mas dos quais nunca se aproximara, tanto lhe causavam horror.

O campo, entretanto, ria ao sol, e a alegria de viver era manifesta no seu semblante. Era jovem, era forte, era rico. Seria, porém, daqui a pouco, um fiel discípulo do Mestre. A um certo ponto, o seu cavalo empinou-se: à margem da estrada estava um homem. Um homem, não; um leproso. Francisco viu apenas aquela face purulenta, escavada de cada lado pelas cavernas das órbitas, e, ao primeiro impulso puxou as rédeas para voltar. Porém, a voz interior que tantas vezes sentiu, tornou-se agora: cavaleiro de Cristo, tens medo?

De um salto pôs-se em terra, apertou a mão do leproso, beijou-lhe os dedos despoldados, sentiu-lhe o mau cheiro das gangrenas e deixou-lhe uma moeda que era nada em face da caridade divina daquele beijo. Tornou depois a montar e lá se foi a galope, louco de náusea e de doçura. Mas no dia seguinte, com meditada coragem, foi ao leprosário, lavou e pensou as chagas dos doentes, serviu-lhes humildemente e deu a cada um, uma moeda e um beijo. Algo dentro dele se debatia como uma cobra decepada. Sua vontade, porém, se comprazia em pisá-la como em um inimigo vencido.

Uma vez, em certo leprosário servido por seus frades, havia um doente tão exasperado pelo mal, que injuriava, maltratava, batia os enfermeiros e blasfemava como um possesso. Os frades, a princípio, suportavam pacientemente. Mas depois de lhe terem feito várias advertências, já andavam dizendo: abandoná-lo-emos; tem o diabo no corpo. Não se decidiram, todavia, a isto, sem a permissão do mestre, São Francisco. Informaram-no do caso e São Francisco veio.

"Deus te abençoe e te dê a paz, caríssimo irmão", disse de início o santo, fazendo ao doente a costumada saudação. O outro, porém, abespinhou-se:

"Que paz posso ter, se Deus me reduziu a esta podridão?" - "Paciência, meu filho, as doenças do corpo são a saúde da alma, quando suportadas com paciência".

-Paciência! Paciência! A quem aconselha, não lhe dói a cabeça. Como posso aguentar a dor que me aflige dia e noite? E não só me aflige a doença, como pior me fazem passar os teus frades, que não me servem como deveriam.

Compreendeu Francisco que com aquele não adiantavam argumentos e recorreu à sua máxima força, a oração. Depois tornou:

- Pois bem, meu filho, servite-ei eu próprio, desde que os outros não te contentam.

- Está bem, mas o que poderás fazer mais que os outros?

Pede o que quiseres, que eu farei, respondeu humildemente o santo. E o leproso exigente: Então quero que laves o corpo todo, porque eu cheiro tão mal, que não me posso suportar.

Francisco mandou imediatamente aquecer água com ervas odoríferas. Despiu o doente e começou a lavá-lo com cuidado e delicadeza, enquanto um outro irmão o ajudava derramando a água quente e perfumada.

Para vencer a náusea, fez o santo como se estivesse lavando a Jesus Cristo, pondo o pensamento nele, tocando as úlceras fétidas como se tocasse as cinco chagas, pedindo: "Curai-lhe, Senhor, o corpo e a alma."

O leproso, entretanto, sente-se reviver ao contato daquelas mãos que antes acariciam do que lavam, e seu coração se funde, diante daquela santidade que se humilha sem humilhá-lo, porque o ama. O pobre enfermo se sente de fato amado pela primeira vez e já não sofre; esquece a doença, como se a fetidez das úlceras houvesse desaparecido ao toque daquelas mãos maternais e em vez das chagas do corpo, vê agora as chagas da sua alma: a soberba, a ira, a rebeldia contra Deus, os múltiplos pecados de sua juventude, dos quais vem a lepra, e chora.



Chora, e suas lágrimas caindo nas águas perfumadas, curam-lhe o corpo e a alma.

Milagre! Milagre! É a voz que corre pelo leprosário. Francisco curou e converteu com um banho perfumado o leproso possesso, a pedra de escândalo do hospital!

Foge, então, o santo, e lá se vai para longe, nas montanhas, agradecendo a Deus, pois não era a sua própria, mas a glória de Deus que procurava. De que valem os louvores dos homens que não vêem o coração e nada podem fazer pela nossa salvação?

Passa-se um mês, e eis que aparece a Francisco, que reza entre as árvores como os pássaros, uma sombra branca.

- Reconheces-me?

- Quem és? perguntou o santo.

- Sou o leproso que Cristo curou, em virtude de teus méritos e que hoje vou para a vida eterna, pelo que, rendo graças a Deus e a ti. Bendita a tua alma, bendito o teu corpo, bendita a tua Ordem!

A alma salva desapareceu e Francisco muito ficou consolado.

Maravilhas da Graça

São Filemon

OS MARTÍRIOS NARRADOS NO PRESENTE ARTIGO MOSTRAM AS MARAVILHAS DA GRAÇA DIVINA DE UM MODO SUBLIME, A COMEÇAR POR SÃO FILEMON, QUE, DE FLAUTISTA QUE ERA, TORNOU-SE MÁRTIR DA FÉ E CAMPEÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, AO MESMO TEMPO QUE COOPEROU PARA A CONVERSÃO DE SEU ALGOZ.

Era o ano de 287. Diocleciano imperador era inimigo feroz do nome cristão. Ariano, seu amigo, feito presidente da Tebaida, só para lhe fazer gosto, perseguia terrivelmente a cristandade.

Certa vez, foram presos 37 clérigos. Entre estes havia um diácono de nome Apolônio. Vendo ele os cruéis tormentos que o esperavam, teve medo. Então, para não negar a Nosso Senhor Jesus Cristo, quando fosse apresentado diante do juiz, inventou o seguinte:

Havia naquela cidade um tocador de flauta muito hábil e ao mesmo tempo muito bom farsante, chamado Filemon. Por suas qualidades, era muito estimado por todo o povo. A este chamou Apolônio prometendo-lhe rios de ouro, e pediu-lhe que, disfarçado, prestasse em seu nome adoração aos ídolos, o que o tirano exigia. Filemon deixando ali mesmo as suas flautas tomou a capa de Apolônio e se apresentou a Ariano. Este lhe disse:

- Se és cristão, mando-te que sacrifiques aos ídolos. Neste ponto, Filemon, mudando de intenção e fazendo na realidade o que só vinha representar na aparência, respondeu:

- Cristão sou, e porque o sou, não quero sacrificar.

- Se não sacrificares, serás atormentado, como há pouco foram Asclas e Leônidas.

- Estou pronto para sofrer, respondeu, pois assim poderei chegar onde eles chegaram.

- Sacrifica e salva a tua alma, replicou o tirano.

- Isto faço, respondeu, porque, para salvar a alma, nada melhor do que dá-la por Cristo.

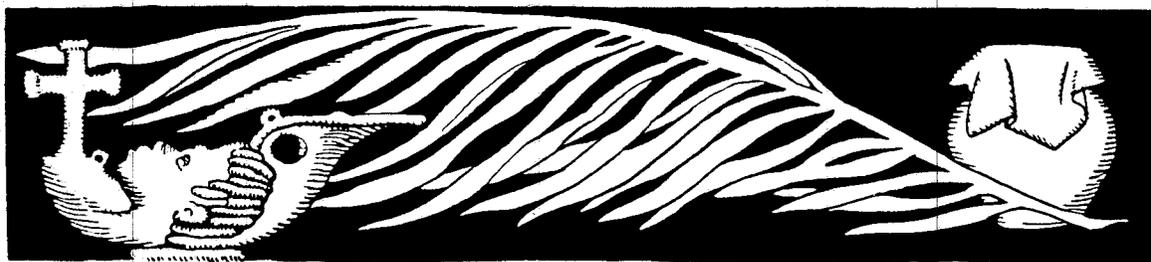
- Neste ponto o presidente mandou que procurassem Filemon para que com uma dulcíssima música, amansasse a este inflexível cristão.

Os que foram procurá-lo voltaram dizendo que não o puderam encontrar (não sabiam eles que era Filemon que ali estava na frente deles).

Mas ali estava presente o irmão de Filemon, chamado Teonas. Então perguntou-lhe o presidente: "Que é feito do seu irmão?" E ele como sabia do disfarce, respondeu: "É este que aí está em tua presença."

Foi logo descoberto e reconhecido, e o presidente pensando que Filemon assim procedera para fazer rir a todos, começou a rir gostosamente e disse:

- Sabemos que nasceste para nos alegrar, mas para que os cristãos (que fazem tudo misteriosamente) não pensem que procedias de verdade, mando-te que sacrifiques aos deuses.



Respondeu Filemon:

- Fazei de mim o que quiserdes, não sacrificarei. A graça de Cristo chegou em mim e não posso nem deixá-la.

- Conjuró-te, disse Ariano: pelo estado e glória dos romanos, deixa de zombarias e dize-nos se na verdade és cristão.

- Que tenho eu com o estado e glória dos romanos? Juro pela Glória e estado dos cristãos que agora sou cristão. Nada temo. Quanto mais perder por amor a Cristo, mais ganharei.

Estas palavras fizeram explodir a ira de Ariano, fazendo com que tivesse ardentes desejos de vingança. Pergunta ao povo se é melhor cortar uma vida perfida de uma vez, ou aos poucos prolongando-lhe as penas. Mas o povo diz:

- Não prives a cidade das suas grandes alegrias.

Ariano voltando-se para o mártir, disse:

- Teu coração é mais forte que o bronze pois não amas os que te amam nem estimas aos que te estimam. Sacrifica, rogo-te, nem derrames fel sobre as festas que brevemente teremos.

Respondeu o santo:

- Estas festas que dizes, não concordam com as do céu; antes quero livrar-me daquelas, para ser mais digno destas.

Neste ponto o demônio deu ao tirano uma formidável arma contra o mártir. Disse:

- Pensa bem Filemon, que se não sacrificares, perderás as felicidades deste mundo e do outro; a deste, porque te matarei com horríveis tormentos; a do outro, porque não és batizado e os cristãos afirmam que no céu não se entra sem o batismo.

Filemon não sabia ainda que bastava o batismo de sangue e de fogo, que são o martírio e a contrição, com o desejo do batismo de água. Seu coração entrou em luta. Disse então:

- Chamem algum fiel que me batize, pois, necessito das armas deste sacramento. Ninguém deu resposta. Todos calaram por medo do tirano. Queria Deus com isso mostrar como ampara fielmente os que nele confiam.

O santo vendo-se cercado por dentro de dúvidas e por fora de ameaças, fugiu para o seu pobre coração e ali levantando um invisível oratório, falou com Deus: "Senhor meu Jesus Cristo, tirai do coração do Vosso servo esta tristeza. Fazei com que eu possa receber o batismo."

Deus o ouviu. Veio uma nuvem invisível que envolvendo a Filemon o levou onde acaso um clérigo se achava às margens de um rio. Pediu e recebeu o batismo e dentro da mesma nuvem voltou ao tribunal, sem ser percebida a sua ausência, pois nada é difícil para Deus que do nada tudo fez.

Revestido então da nova e reluzente graça do batismo disse a Ariano:

- Deus veio em meu auxílio e concedeu-me o que desejava, sem o vosso auxílio. Agora nada me falta. Fazei pois o que tendes de fazer a meu respeito.

O tirano falando por sugestão do diabo disse que sentia muito por vê-lo enlouquecido, porque nas próximas festas o povo não teria toques de flauta, sublimes como os que Filemon sabia tocar. Isto dizia, para ver se suscitava lembranças saudosas e recordações de vanglórias no coração de Filemon.



Ouvindo isto, sentiu Filemon grande dor pelos seus escândalos passados e chorou e rezou dizendo:

- Senhor, não permitais que pensamento algum de infidelidade venha ao coração do vosso servo. Vós me santificastes. Agora Vos peço que destruais com fogo aqueles infames instrumentos dos meus pecados. O Senhor o ouviu.

Apareceu então uma nuvem de fogo e fez daquelas flautas um monte de cinzas. Perceberam este prodígio o Diácono Apolô (o que estava na prisão e que tinha consigo as flautas) e também o irmão de Filemon, Teonas, que correndo ao presidente, denunciou a Apolônio que com uma capa mágica convertera a Filemon, e contou também o prodigioso fato da cremação das flautas.



Foi Apolônio chamado então perante o juiz que com gestos irados dizia: "Enfeitiçaste a glória e as delícias desta cidade. Com tuas palavras iníquas encantaste a capa que contagiou a Filemon tornando-o inimigo dos deuses. És um infame, maldito entre todos os nascidos."

"Oferecemos ainda a ti um meio para te livrar dos tormentos e da morte de que tanto tiveste medo. Se sacrificares aos deuses e por teu exemplo Filemon também o fizer, ambos ficarão livres. Dou-te uma escada para subires e livrar-te. Vê porém que subindo, não tornes mais profundo o precipício que te engulirá. Juro pelos deuses, que se não sacrificares, experimentarás o quanto teinho pesada a mão para castigar os soberbos e rebeldes.

Apolônio ouvindo isto, respondeu com ânimo sereno e calmo:

- Confesso, na verdade, que pequei, mas não contra ti, senão contra meu Deus e Senhor Jesus Cristo, desconfiando de Sua Graça e temendo a minha fraqueza. Arrepentido da minha culpa, espero o perdão, que, com certeza, obterei, pois dei ocasião para nascer mais um mártir; glorioso título este, do qual se eu fugia sozinho, agora venho buscar acompanhado. Ansioso, desejo agora os tormentos dos quais tive medo, para com pensar de algum modo a minha fraqueza passada.

Irado com esta resposta o rei mandou três robustos homens esbofetear o rosto de Filemon. Queria seduzi-lo. Mas Filemon sofria com visível alegria. Mandou então o tirano que ambos fossem furdados nos calcanhares e por aí amarrados e arrastados pela cidade. Executada esta pena fielmente, foram ambos apresentados ao tribunal e o juiz mofando dos dois disse a Filemon:

- Então amigo, onde está o teu Deus que não te acudiu? Sacrificai, pois antes que continuemos o martírio.

Filemon e Apolônio responderam com calma e serenidade confessando sempre mais a Jesus Cristo, envergonhando o tirano na presença de todos com suas inspiradas respostas.

Raivoso e espumante mandou que Filemon fosse dependurado em uma árvore e que disparassem sobre ele dos pés à cabeça uma nuvem de setas. Assim foi feito. Despiram e dependuraram o mártir. Zurraram as setas cortando os ares. Mas que sucedeu? Um, fincavam-se na árvore; outras, chegando próximas ao corpo do mártir, perdiam a força e caíam; outras ainda, ficavam suspensas no ar. Filemon rezava: "Vinde, Senhor, em meu auxílio" e mostrou ao ímpio Ariano, que, os que confiam em Vós, não são confundidos."

Acabaram as setas e os soldados foram avisar ao tirano o que se passava.

- Não creio, respondeu, se não ver com os meus próprios olhos.

Sai às carreiras, do palácio, e se dirige ao lugar do martírio. Olhando para cima, uma das setas caiu-lhe no olho direito, vasando-o. Aturdido pela dor e escorrendo-lhe o sangue pelo rosto, começou a blasfemar. Depois mandando desamarrar o mártir, lhe disse:

- Onde aprendeste tão potente magia a se nunca estivestes com os cristãos? O que me importa agora é que me restituas o olho que perdi por tua causa. Bem podes fazê-lo. Depois te soltarei. Respondeu Filemon:

Se eu pedir a meu Deus, Ele te curará, mas é certo que dirás ser isto arte mágica. Porém, para que não digas que meu Deus não pode curar-te ou que os seus servos pagam o mal com o mal, digo-te que depois que me matares, indo ao meu sepulcro e com sua terra fizeres barro e colocares no teu olho, receberás não só a luz no corpo, mas também na alma, que é a de que mais precisas.



Ariano não fez caso destas palavras. Mandou que Filemon e Apolônio fossem degolados e enterrados onde estavam os corpos de São Asclas e São Leônidas. Assim foi Feito.



CONVERSÃO E MARTÍRIO DE ARIANO

No dia que seguiu a todos os acontecimentos que narramos, Ariano movido pela graça Divina, meditava seriamente na virtude dos mártires, virtude que tinha visto e agora entendia. Foi até o túmulo dos santos mártires, tomou um pouco de terra e fez com ela um pouco de barro, como Filemon lhe tinha dito e colocou sobre o olho vasado dizendo: "Em nome de Jesus Cristo por quem estes servos fiéis consumaram o martírio, unjo os meus olhos para ver e crer que não há outro Deus Verdadeiro senão o mesmo Jesus. Imediatamente viu e abriram-se-lhe também os olhos da alma. Sucedeu tudo como Filemon havia dito.

Imediatamente saiu do túmulo e vai correndo e gritando pela cidade: "Também eu sou cristão. Daqui por diante não servirei senão a Jesus Cristo.

Entrando em seu palácio, tomou todos os seus bens e os entregou aos dois bispos que mandara chamar, dizendo que dê digna sepultura aos mártires que ele quando cego, martirizara. Mandou abrir todos os cárceres e soltou todos os cristãos que conservava presos.

A Igreja exultou neste dia pela grande vitória que alcançara.



Chegou, porém, aos ouvidos do imperador Diocleciano a conversão de Ariano. Mandou então quatro oficiais (dos quais o principal chamava-se Teótico) para prendê-lo e trazê-lo à sua presença. Ariano conseguiu dos quatro a licença de ir ao túmulo dos mártires antes de partir. Foi concedido. Ajoelhado disse então:

- Gloriosos mártires que gozais de Deus, orai por mim para que Jesus Cristo me conforte e me faça digno de confessar o Seu Santo Nome.

Ouviu-se então do sepulcro a voz de Filemon, que lhe respondeu claramente:

- Coragem, Ariano, nada temas. O mesmo Jesus no qual tu crês, irá contigo para te fortalecer diante do imperador, e, consumado o seu martírio ele mesmo te coroará no céu. Reza por estes quatro homens que te vieram buscar, para que Deus os faça também conhecedores da verdade.

Os quatro oficiais ouviram todas estas palavras saídas do sepulcro e ficaram admirados.

Ariano não cabendo em si de alegria, partiu com aqueles quatro oficiais. E ao embarcar, a oito de seus criados de confiança disse com espírito profético:

- Esperai aqui o meu corpo, pois no dia oito de março Diocleciano mandará precipitar-me no mar, dentro de um saco. Três dias depois, isto é, no dia onze, aparecerá então no mesmo saco, para o sepulcro do meu amigo Filemon.



Diante do imperador confessou sempre corajosamente sua fé. De nada valeram as tentativas e os bons tratos do mesmo imperador.

Mandou então Diocleciano que se fizesse uma cova bem profunda. Este trabalho foi feito à luz de fochos durante a noite. Pela manhã, saiu o imperador com grande comitiva e foi ver como estava a cova. Mandou então que ali fosse jogado Ariano, preso com algemas e ferros, tendo no pescoço uma grande pedra. Por cima mandou amontoar terra e que tudo fosse bem socado. Depois de executadas estas ordens mandou colocar sobre a cova estes dizeres: "Vejamos se vem Jesus a livrar o seu devoto."

Depois disso montou em seu cavalo, e foi para o palácio parecendo-lhe ter concluído gloriosamente a causa de Ariano. Deus, porém, não é surdo como o seu Apolo. Ao entrar o imperador em seu quarto para descansar, viu dependurados em seu leito, os grilhões, algemas, cadeias, e pedra com os quais mandou a marrar Ariano e deitado sobre o leito viu o mesmo Ariano, vivo, alegre e descansando. Muito assustado, pensou à primeira vista que fosse um dos seus familiares que se atrevia a tanto, ou então queria fazer-lhe alguma traição. Disse porém Ariano:

- Não te assustes, pois ninguém se revoltou contra ti. (Enquanto falava, puxou a fixos os olhos no imperador). Eu sou Ariano a quem há pouco enterraste debaixo de pedras e terra. Mas porque disseste: "Vejam se Jesus vem livrá-lo!" com efeito, veio, e pôs o seu voto nesta cama, para descansar um pouco do trabalho.



Diocleciano, ouvindo isto, ficou quase desesperado. Mas persistindo no mal, disse:

- Nunca vi tão potentes artes mágicas. E logo disse aos criados: "Preparai um saco com areia, costurái nele este mágico e precipitai-o no mar". Os quatro oficiais que o buscaram na Tebaida e que ali se achavam neste momento, comovidos pela voz que ouviram no sepulcro de Filemon e pela maravilha que agora acabavam de presenciar, disseram: "Em que pecou este homem para o lançares ao mar?".

- Porque é mago, respondeu o imperador. Disseram então:

- Não é mago, é servo de Deus, de um Deus que pode dar a vida a quem por Ele se sujeita à morte. Estamos também dispostos a entregar nossos corpos a este Deus Potente e Verdadeiro, certos de que nos há de ressuscitar para a vida eterna. Ao que replicou o imperador: "Tudo o que me pedistes, sempre vos concedi. Agora fazei o mesmo. Desejais a morte? Sem demora o vereis".

- Depressa, disse Ariano ao imperador: o mar está à minha espera.

Mandou então o imperador que preparassem outros quatro sacos com areia e que assim fossem os cinco lançados ao mar. Assim se fez.

Logo que foram lançados ao mar, cinco golfinhos apareceram ali e colocando cada um, um saco nas costas partiram em rumo à Alexandria.

Lá estavam pontuais e solícitos os servos de Ariano esperando o seu corpo. Percebendo eles em vez de um, cinco sacos, duvidaram e disseram entre si: "Será esta a profecia de nosso amo, Ariano?"

O golfinho maior adiantou-se então e colocou na areia da praia o corpo de Ariano e ouviu-se uma voz que dizia: "Não duvides, este é o corpo de Ariano. Os outros quatro são quatro oficiais que vieram aqui buscá-lo, e com ele foram coroados no mesmo dia com o martírio. Levai-os todos para o sepulcro dos santos mártires e de Filemon".

Obedeceram os servos sem demora. É vontade divina manifestada naquela voz. Tomaram os corpos e os colocaram numa embarcação. Apenas soltaram as velas um profundo e calmo sono desceu sobre os passageiros. Dormiram todos por três dias e três noites sem acordarem. Ao quarto dia ouviu-se uma voz que dizia: "Levantai-vos, é este o lugar do sepulcro dos santos mártires".



Estavam nas praias de Antinópolis, sem saber como. Desceram, e a notícia do fato miraculoso correu por toda a cidade; e seus habitantes, fiéis e gentios, todos, com palmas e ramos, com velas, perfumes e aromas acorreram e formaram uma procissão até o sepulcro dos outros mártires, Asclas, Leônidas, Apolônio e Filemon, onde foram colocados os novos cinco mártires. Era o dia 14 de março. Ali Deus fez ainda muitos milagres, como curas de enfermos. Tudo para sua honra e glória e também de seus fiéis servos, que já no céu estavam todos na posse do Deus Supremo.



ABORTISTAS: RESPONDAM, SE PUDEREM!

A opinião pública norte-americana e mundial ficou chocada, quando, há alguns dias atrás, a imprensa divulgou os detalhes de um crime horróssimo: uma jovem mãe havia assassinado friamente seus dois filhinhos, um deles com dois anos, e outro com apenas quatro meses. O motivo foi o mais frívolo que se possa imaginar: as crianças, no dizer da mãe, "a incomodavam", e impediam que se encontrasse com o namorado. Por isso, trancou os dois no automóvel, e os jogou no mar. Hipócritamente, a mãe ainda procurou a polícia, dizendo que "um negro" havia raptado os seus filhos, e fez comoventes apelos pela televisão, para que o raptor devolvesse as crianças. Todos os Estados Unidos acompanharam comovidos o drama da jovem mãe, até que a infame verdade veio à luz. E então, o que era antes simpatia e solidariedade, com toda justiça se transformou em indignação: Entidades religiosas e

civis, associações de classe, o próprio presidente da república, manifestaram o seu horror. As detentas da prisão onde a infeliz deveria ser internada declararam que a matariam se ela fosse para lá. A própria família da assassina, e a do pai das crianças, todos manifestaram seu repúdio diante de tanta frieza, de tanta maldade, de tanta abominação: uma mãe matar seus filhos inocentes! Horror!

Mas eu sei de um grupo de pessoas que deveria defender essa mulher: são os que apoiam e defendem o aborto. Acho até que essas pessoas deveriam se manifestar, em passeatas, pelos jornais e pela TV, em defesa dessa mulher que pensa exatamente como eles, e que teve a coragem de levar os seus princípios até suas últimas consequências. Pois não é verdade que os defensores do aborto usam dos mesmos argumentos que essa assassina usou? As crianças "a incomodavam"! Os filhos "a impediam de se encontrar com o namorado"! Eram um estorvo. E ela os matou. Não é o que as mulheres que abortam dizem? Qual a diferença? Por que negar a essa mãe o direito de matar o seu filho de quatro meses de idade, se elas defendem o direito de matar os próprios filhos, que têm cinco meses menos? Uma vida é uma vida, seja cinco meses mais nova, ou dois anos mais velha. Se podemos matar um, podemos matar o outro também. Senhores abortistas, sejam coerentes! Defendam em público a assassina que teve a coragem de fazer às claras o que vocês fazem às ocultas! Ela, pelo menos, se confessou assassina, ao contrário de vocês, que hipócritamente não querem se reconhecer como tais.





O SANTO CURA E O DEMÔNIO

Por espaço de 35 anos de 1824 a 1858, o Cura d'Ars foi alvo das perseguições do demônio. Esta luta tornou o Pe.Vianney caritativo e desinteressado. Não contava o demônio com este resultado.

Para turbar-lhe a paz exterior começou o demônio com inquietações insignificantes. Cada noite ouvia o santo rasgarem-se as cortinas do leito. Pensou que se tratasse de ratos. Deixou um pau à cabeceira mas tudo em vão. Quanto mais sacudia as cortinas para pegar os ratos tanto maior era o ruído dos rasgões e no dia seguinte quando esperava ver as cortinas feitas em pedaços, encontrava-as intactas. Isto durou por algum tempo.

No silêncio de uma noite, ouviram-se pancadas e gritos no pátio da casa paroquial. Seriam ladrões? O Pe.Vianney desceu às pressas e não viu nada. Contudo nas noites seguintes receou ficar só. Passou, então, com ele a noite, um jovem robusto e galhardo de 28 anos, André Verchere. Levou consigo seu fuzil. Conversou até tarde com o Cura e depois foram-se deitar. A uma hora, disse ele, ouvi sacudir com violência a tranca da porta que dava para o pátio. Ao mesmo tempo, ouvi pancadas na mesma porta e dentro de casa era um barulho atordoador. Tomei o fuzil e precipitei para a janela que abri com violência mas nada vi. A casa estremeceu por um quarto de hora. Minhas pernas fizeram o mesmo. Quando o barulho começou, o Sr.Cura veio ter comigo. Viu-me tremendo e perguntou-me que seria aquele barulho. Respondi que era o diabo. O Sr.Cura, na noite seguinte, pediu-me que ficasse com ele novamente. "Sr.Cura, respondi-lhe, já levei que chega."

Mais tarde, o Pe.Vianney comentou, rindo gostosamente, os apuros que passou o seu primeiro guarda.

Outros passaram com ele diversas noites e tudo era aterrorizador. Quando o Pe.Vianney se certificou ser a causa de tudo isto o demônio, dispensou os guardas e ficou só no combate. Não tinha mais recursos que a paciência e a oração.

Chegamos ao tempo em que o santo Cura passava a maior parte do dia no confessionário. Chegada a noite, apesar do excessivo cansaço, não se deitava sem antes ler algumas páginas da vida dos santos. Era essa hora que aproveitava para se flagelar de espaço em espaço com sangrentas disciplinas... Feito isto, estendia-se sobre o pobre leito e procurava dormir. Já ia querendo pegar no sono quando subitamente ouviam-se gritos lúgubres, vozes e golpes formidáveis.

Dir-se-ia que o malho do ferreiro fazia em pedaços as portas da casa. De repente, sem que se movesse o ferrolho, o Cura percebia com horror que o demônio estava junto dele. "Eu não lhe dizia que entrasse - contava ele, brincando e meio sério - mas ele entrava do mesmo modo". A festa ia começar. Permanecia invisível, mas sua presença se fazia sentir. Derrubava as cadeiras, sacudia os pesados móveis do quarto e gritava forte, muito forte: "Ainda não estás morto... não me escaparás!..." As vezes, imitando os animais grunhia, uivava e sacudia com furor as cortinas. Cantava às vezes, com voz alta, e o Cura d'Ars dizia troçando: "O demônio tem voz muito feia."

Também sentia como se lhe passasse a mão pelo rosto ou como se os ratos lhe corressem pelo corpo. Ouvia ruído de enxames de abelhas. Outras vezes era atirado do leito ao chão. Assustado fazia o Sinal da Cruz e o demônio o deixava.

Engenhoso em inventar trapaças, o espírito das trevas parecia multiplicar-se por toda a casa. No quarto, um bando horrível de morcegos pousava nos vidros e se prendia às cortinas da cama. No forro, por horas a fio, parecia passar um rebanho de ovelhas por sobre o quarto. No refeitório ouvia-se o ruído como que de um cavalo que tivesse subido ao teto, para de lá, com as 4 ferraduras pular no pavimento.

Passando noites em claro, muitas vezes chegava à igreja muito pálido e abatido. Perguntavam-lhe se estava doente. - Não, respondia, o demônio me fez tantas que passei esta noite sem dormir.



As vezes este infernal espírito lhe fazia de péssima companhia. Um dia, conta um missionário de Pont d'Ain, o Sr.Cura fazendo-me subir a escada na sua frente, me dizia: "Oh! meu amigo, isto agora não é como ontem, quando o demônio é que subia na minha frente; dir-se-ia que calçava botas."

Margarida Vianney, irmã do santo, ia de vez em quando visitá-lo. Numa das noites que passou na casa paroquial ouviu o Cura sair do quarto antes da hora e ir para a igreja. Poucos momentos depois, conta ela mesma, ouvi perto da minha cama um barulho muito forte como se quatro ou cinco homens despedaçassem com golpes fortíssimos a mesa e o armário. Tive medo, levantei-me e acendi a luz, mas vi que estava tudo em ordem. Pensei que talvez estivesse sonhando. Deitei-me novamente e apenas me cobri quando o estrépito se renovou. Desta vez o susto foi muito maior. Vesti-me a toda pressa e corri para a igreja. Contei tudo a meu irmão. - Minha filha, replicou, não há porque temer. É o demônio. Nada pode contra ti. A mim também me atormenta. Algumas vezes me agarra pelos pés e me arrasta pelo quarto. Faz isto porque converto almas para Deus.

Dionísio Chand, jovem estudante de filosofia, confessou-se com ele num dia de junho de 1838. Foi recebido por um favor especial no quarto do próprio santo. "Ajoelhei-me no seu genuflexório, diz ele. Pela metade da confissão, um tremor geral agitou todo o genuflexório, bem como todo o resto. Levantei-me aterrorizado. O Sr.Cura agarrou-me pelo braço: - Não é nada, disse ele, é o demônio. No fim da confissão o Pe.Vianney decidiu sobre o meu futuro. É preciso que fiques sacerdote, disse-me. Minha emoção foi muito grande e devo dizer que não me tornei a confessar com o Cura d'Ars

Em 1842, um policial chamado Napoly que passava por grandes provas, quis consultar o Cura d'Ars. Chegou à aldeia já noite bem adiantada. Como estivesse esperando à porta da casa paroquial, ouviu no silêncio da noite, o horripilante chamado com uma voz gutural: "Vianney, Vianney." O quarto do santo iluminou-se debilmente e este apareceu em seguida, alumando o caminho com a lanterna.

"Sr.Cura, parece que vos atacam, disse o Sr.Napoly, mas eu estou aqui para vos defender." Isso não é nada, meu amigo, disse o santo, é o demônio. Enquanto dizia isto, tomava a mão de Napoly que estava tremendo: "Vem comigo, acrescentou, e conduziu o defensor de ocasião à sacristia, onde sem dúvida as coisas terminaram do melhor modo possível. Soubê depois que aquele homem tornou-se bom cristão. O Sr.Cura mais tarde disse, brincando, que Napoly não era muito valente para ser um bom soldado.

Certa manhã, o santo se pusera a ouvir confissões antes da hora de costume, pois era muito grande a multidão na igreja onde estava exposto o Santíssimo Sacramento para a adoração das quarenta horas. Pouco antes das sete, as pessoas que passavam diante da casa paroquial viram que saíam chamadas do quarto do Pe.Vianney. Correram a avisá-lo no momento em que ele deixava o confessorário para celebrar a santa Missa. Sr.Cura, parece que há fogo no seu quarto, diziam. Enquanto lhes entregava a chave para que fossem apagá-lo, respondia sem muita preocupação: "Este vilão do demônio, não podendo pegar o pássaro, queima-lhe a gaiola."

Um dia, conta Maria Filliat, depois de ter lavado bem a panela, coloquei nela água para fazer a sopa. Vi que na água havia pedacinhos de carne. Era dia de abstinência. Esvaziei bem a panela, lavei-a de novo e pus água novamente. Quando a sopa estava já para ser servida vi outra vez pedacinhos de carne. Con-tei tudo ao Pe.Vianney e este me respondeu: "É o demônio que faz isto; sirva assim mesmo a sopa."

O demônio tanto o aborreceu que o Pe.Vianney acabou por acostumar-se com suas visitas. "A gente se habi-tua com tudo, dizia gracejando; o diabo e eu somos quase camaradas."

Certa noite em que o santo procurava conciliar o sono, o inimigo apresentou-se gritando: "Vianney, Vianney, eu te possuirei." E o santo respondia do canto escuro onde esta-va sua cama: "Não te temo."

Pelo fato de ter este domínio sobre o demônio, muitos o procuravam para conseguir por seu intermédio livrar os possessos. Uma desventura-da mulher fora trazida de longe pelo marido. Estava furiosa, soltava gri-tos inarticulados. Mandaram-na ao santo Cura, o qual depois de exami-ná-la declarou ser necessário levá-la ao bispo da diocese. "Bem, res-pondeu a mulher, que recobrou repentinamente a fala; ah! Se eu ti-vesse o poder de Jesus Cristo vos meteria a todos no inferno."

- Conheces a Jesus Cristo? re-plicou o Pe.Vianney. Pois bem, leva esta mulher ao pé do altar-mor. Qua-tro homens a conduziram para lá, apesar de sua resistência. O Pe.Vianney pôs o seu relicário (re-líquia da Santa Cruz e de muitos ou-tros santos que trazia no bolso) so-bre a cabeça da possessa e ela ficou como morta. Entretanto logo depois levantou-se por si mesma, e de um pulo rápido chegou à porta da igre-ja. Ao cabo de uma hora voltou muito tranqüila, persignou-se com água benta e ajoelhou-se. Estava livre do "grande amigo" do Pe.Vianney.



No dia seguinte, pela manhã, leva-ram-na à sacristia quando o Pe.Vianney ia se paramentar para ce-lebrar o Santo Sacrifício, de repen-te a possessa procurou a porta para sair. "Há muita gente aqui," grita-va. - Há muita gente? perguntou o servo de Deus. Pois bem, agora sai-rão. A um sinal, todos se retiraram e ele ficou a sós com a pobre vítima de Satanás. Só se ouvia um rumor. O coadjutor de Avinhão, que ficara junto à porta da sacristia, ouviu uma parte do diálogo:

- Queres sair de uma vez? per-guntou-lhe o Cura d'Ars.

- Sim.

- Por que?

- Porque estou com um homem de quem não gosto. E o Pe.Vianney iro-nicamente prosseguiu.

- Não gostas de mim? Um "não" bem estridente foi toda a resposta do espírito que habitava naquela po-bre jovem. Quase no mesmo instante abriu-se a porta da sacristia. Reco-lhida e modesta, chorando de ale-gria, e com uma expressão de agrade-cimento infinito, a jovem ajoelhou-se no umbral. Apesar disto, por ins-tantes, o temor pintou-se-lhe no rosto. Voltou-se para o Pe.Vianney e lhe disse: "Temo que volte!" "Não, minha filha, nunca mais." De fato o demônio não voltou mais e a jovem pode reiniciar as suas ocupações de professora.



O espírito do mal, que não pôde desalentar aquela alma heróica aca-bou por desanimar, e pouco a pouco foi deixando a luta e desde 1855 até a morte, o Pe.Vianney não foi mais importunado pelo demônio.

Na noite do dia 27 de dezembro de 1857, foi levada ao bispo de Avi-nhão, uma jovem professora que dava todos os sinais de uma verdadeira possessão diabólica. O bispo conse-lhou que a levassem ao Pe.Vianney.

REFÚGIO DOS PECADORES

Uma jovem foi surpreendida por um bando de ladrões em um bosque. Ao ver ameaçada a sua virtude, atirou-se aos pés do chefe daqueles malvados e lhe pediu que por amor da Santíssima Virgem não lhe roubassem o único e mais precioso tesouro, o da sua virtude. Esta sua atitude muito impressionou aos ladrões que a deixaram livre pondo-a em seguro e lhe pediram que rezassem por eles.

Nesta mesma noite a Santíssima Virgem em sonho apareceu ao chefe do bando, agradecendo-lhe por ter respeitado a jovem em Seu nome e por Seu amor.

Anos mais tarde este mesmo bandido foi preso e condenado à morte por seus crimes. Na noite anterior à execução a Santíssima Virgem em sonho lhe apareceu novamente dizendo:

- Tu me conheces?...

- Sim, parece-me que já a vi uma vez.

- Tens razão: viste-me na noite em que te agradeci por teres respeitado em meu nome a virtude de uma jovem. Agora venho para dar-te a recompensa. Assistirei a manhã a tua morte e pedi para ti sincero arrependimento de teus pecados.

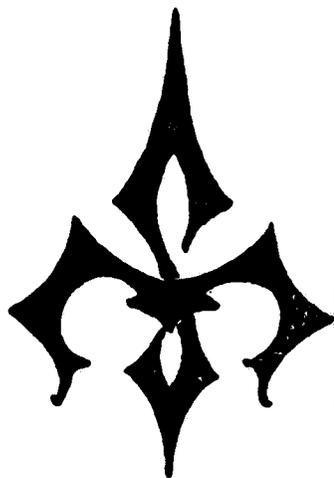


Pela manhã, com sincero arrependimento e cheio de confiança confessou com sincera dor todos os seus pecados, pediu perdão de todos os seus crimes e se encaminhou com alegria para o cadafalso. Aceitou a morte como castigo de seus pecados. Morreu invocando o doce nome de Maria.

O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

pede ajuda



DESDE O INÍCIO DE SUA EXISTÊNCIA (1980) "O DESBRAVADOR" TEM SIDO ENVIADO A MILHARES DE PESSOAS GRATUITAMENTE. E É VONTADE DE SUA DIREÇÃO QUE ASSIM CONTINUE. MAS A SITUAÇÃO ATUAL NOS FORÇA A MAIS UMA VEZ APELARMOS PARA A BOA VONTADE DE NOSSOS LEITORES. PARA TANTO PEDIMOS A SUA COLABORAÇÃO, QUALQUER QUE SEJA ELA. ELA PODE SER FEITA NAS CONTAS BANCÁRIAS ABAIXO, DE QUALQUER AGENCIA DOS BANCOS MENCIONADOS:

BANCO ITAU - AGENCIA 0003 - MERCÚRIO - SÃO PAULO - SP
CONTA CORRENTE 00433-0
EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL
"SANTA MARIA"

BRDESCO - AGENCIA 278-P - GAZÔMETRO - SÃO PAULO - SP
CONTA CORRENTE 24019-2
EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL
"SANTA MARIA"